

# Perfil da elite brasileira

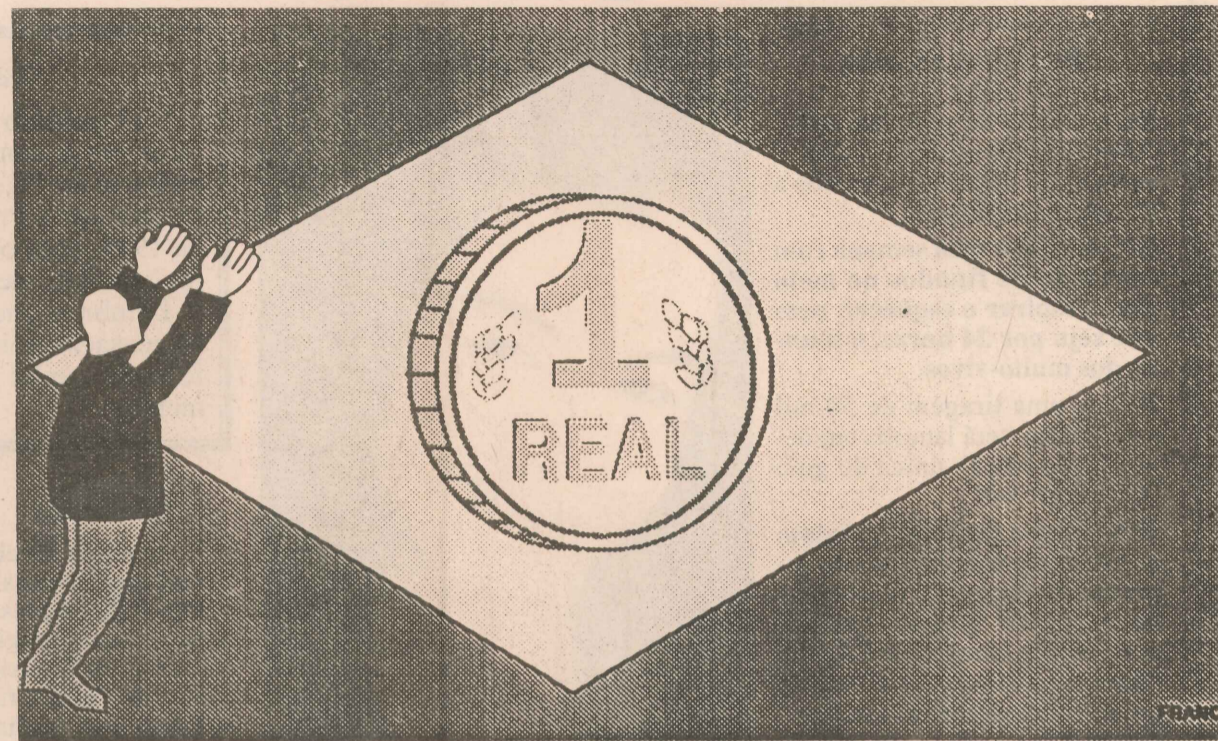
Cláudio Alves Monjardim

Na década passada o Brasil se notabilizou pelo seu caráter agressivo na obtenção de saldos positivos na Balança Comercial, isto graças a uma política perversa de obtenção de superávits através de um esforço nas exportações brasileiras, que via de regra eram produtos alimentares e produtos intensivos de mão-de-obra. No entanto, esta política, que tinha como slogan a famosa frase "O Que Importa é Exportar" nunca esteve voltada propriamente para o desenvolvimento do Brasil, servindo, ao invés disso, de mecanismo eficaz de transferência da renda nacional para o exterior, a título de pagamento dos encargos da dívida externa.

A década se perdeu, e hoje o que se verifica é um aumento das exportações brasileiras de quase 12% de janeiro a setembro do ano passado em relação ao mesmo período de 1992. Nota-se, porém, que o saldo acumulado em relação ao mesmo período diminuiu em cerca de 9%. Isso ocorreu devido ao crescimento significativo das importações em aproximadamente 28%. Porém, ao contrário do que se possa imaginar, este fato contém um lado positivo, na medida em que os gastos com importações de bens de capital giraram em torno de 30% do total importado. No primeiro trimestre de 1994, foi possível visualizar a continuação desse movimento, uma vez que as importações cresceram 17% e as exportações caíram 4,1%. Isto significa dizer que a indústria voltou a investir, e já em 1993 o Brasil acusou uma taxa de crescimento de 4%, bem superior à de 1992, que foi de -0,9%.

Entretanto, este fato não é, e nem pode ser, um sinônimo de mudança na economia brasileira, visto que é um fato isolado, já que o Governo brasileiro não sinalizou nenhuma tentativa de se amarrar uma política industrial coerente, que efetivamente possibilite o desenvolvimento do Brasil, lançando-o em uma posição de destaque na era da "terceira revolução industrial".

Percebe-se, portanto, mais uma vez, a falta de um projeto nacional da elite brasileira. Aliás, em países como o Brasil, onde o desenvolvimento endógeno da sociedade não se deu organicamente, ou seja, não conseguiu romper com o seu passado colonial, passando para as outras fases de desenvolvimento aquela estrutura latifundiária retrógrada que emper-



raria este desenvolvimento, formou-se uma sociedade que estaria longe de se constituir uma burguesia, uma vez que essa foi apenas um "rascunho", pois não tinha como meta primordial a questão da soberania nacional, mas sim a manutenção dos próprios interesses herdados do colonialismo.

Portanto, nos países onde a burguesia não se desenvolveu forte desde a sua gênese, montando um Estado realmente direcionado para a soberania nacional, constituindo com isso um baseamento para lutar contra as outras burguesias nascentes em outros países, formar-se-á uma sociedade fraca, frágil, sem punho para levar o movimento desenvolvimentista à frente. E que, ao invés de construir o seu próprio caminho, apóia-se em outros países que por condições próprias constroem o desenvolvimento, deixando o Brasil totalmente atrelado aos interesses externos, isto porque na sociedade aqui formada não há uma burguesia voltada para os interesses da nação e muito menos um projeto da mesma.

O perfil da classe burguesa brasileira está voltado, como sempre esteve, para fora, primeiro, quando o país era primário-exportador e dependia das exportações, principalmente de café, para fazer funcionar o seu centro gerador de renda; e depois, já na atual fase, onde o país é industrializado mas, no

entanto, não detém o controle do centro dinâmico da produção, ou seja, os setores tecnologicamente desenvolvidos que estão nas mãos das empresas transnacionais.

Sabe-se que o Brasil optou pelo modelo de desenvolvimento baseado na industrialização por substituição de importações, que já na época de ascensão dos militares ao poder encontrava-se superesgotado.

Portanto, é mister que se dote o país, urgentemente, de um novo modelo de desenvolvimento, ou seja,

que se projete uma alternativa global, seletiva e flexível para a nação, uma vez que as nossas "elites" continuam a deixar este espaço em branco. Entretanto, seria necessário que tais alternativas não pendessem, como se está vendo, para o protecionismo radical ou frívolo, que incita tantas paixões no Brasil (basta lembrar da reserva de informática), nem, tampouco, para o extremismo (tão em voga) do neoliberalismo.

No caso do protecionismo, o que se pode alegar, a fim de que não seja adotado, é que por esse ser exacerbado, não seria, por exclusão, o do tipo para aprendizagem, que é uma forma legítima de proteger indústrias nascentes (que detenham um forte potencial de demanda dinâmica para o futuro) da competição externa. E que, futuramente, quando consolidadas de forma

suficiente a enfrentar os concorrentes, serão libertadas de tal protecionismo. Percebe-se, portanto, que não haveria nenhuma vantagem a longo prazo para o país, caso se implante (de maneira contundente) o protecionismo-radical, uma vez que as indústrias que foram protegidas de forma indiscriminada se acomodariam, mesmo aquelas que antes competiam com produtos externos, levando o país inexoravelmente para o atraso tecnológico e para o empobrecimento, enquanto nação.

Já no caso do neoliberalismo, há no inconsciente coletivo a idéia de que esse modelo seria um paradigma a ser alcançado pelos países periféricos, ou seja, é lugar comum nessas nações a idéia de que é extremamente imprescindível a abertura da economia ao comércio exterior, a redução drástica da intervenção estatal e a presença maciça de empresas estrangeiras. No entanto, esta posição extrema é imensamente prejudicial aos países periféricos, como o Brasil, pois caso esses sigam tal receituário certamente terão, em pouco tempo, sucateado todo o seu parque industrial. Logo, a adoção deste modelo significa, sem exageros, entregar grande parte das indústrias aos estrangeiros, desmantelando outra boa parte da economia e, porque não dizer, do Estado.

Cláudio Alves Monjardim é economista e técnico da Secretaria de Ações Estratégicas e Planejamento

**'Percebe-se, mais uma vez, portanto, a falta de um projeto nacional da elite brasileira'**